

A busca pelo ensino superior: análise dos impactos linguísticos de estudantes de Colinas/MA

A quest for higher education: analysis of linguistic impacts on students from Colinas/MA

La búsqueda de la educación superior: análisis de los impactos lingüísticos de estudiantes de Colinas / MA

DOI:10.55905/inlitterasv9n1-003

Recebido: 22/01/2024

Aceito: 27/02/2024

Daniel dos Santos Teixeira,¹ José Genésio Lima da Silva²

RESUMO

A fuga do campo à cidade é um fenômeno existente, de fato, no Brasil. A busca por oportunidades de emprego mostra-se, a cada dia, mais comum. Mediante a isso, um outro fenômeno existente e permanente no país tem-se mostrado, também, cada vez mais frequente: a saída de jovens de interiores e municípios menores para as capitais em busca da formação superior. Entrelaçado a isso, este trabalho preocupa-se com a explicação dos possíveis impactos que estas saídas podem ocasionar. Tendo como fator de observação científica os estudos de linguagem, este trabalho, então, busca o preconceito linguístico como o de maior atenção. Como objetos de pesquisa, escolheu-se jovens que saíram do município de Colinas – MA até a capital do estado do Piauí, Teresina. A escolha deu-se através da observação, pois percebeu-se que a frequência de saída do primeiro município ao outro é comum. Para a explicação destes fatos, passeia-se pelos estudos sociolinguísticos, baseando-se na preocupação do esclarecimento das variações que as línguas vêm a sofrer quando concretizadas na fala. Esta pesquisa, então, apesar de contemplar a pesquisa bibliográfica, utiliza-se da pesquisa de campo como fonte maior na busca de respostas. Permeando os estudos sociolinguísticos, sobressai-se como explicadores destes fenômenos Fiorin (2015), Freitag (2007) e Labov (2014). Dos estudos para compreensão da mudança e preconceito linguístico, utilizou-se como base os estudos de Bagno (2013 - 2014). Por meio deste estudo, percebeu-se que as mudanças existentes na fala são notadas pela maioria dos estudantes analisados. Ademais, o preconceito linguístico ainda, mesmo que em uma esfera mínima, ocorre mediante aos fatores de mudanças regionais.

Palavras-chave: deslocamento, ensino superior, impacto sociolinguístico, análise.

ABSTRACT

The escape from the countryside to the city is an existing phenomenon in Brazil, in fact. The search for employment opportunities is proving to be a triggering factor of the phenomenon called rural exodus. However, another and permanent phenomenon in the

¹ Especialista em Estudos linguísticos e literários pela Faculdade Única, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) - campus Colinas, Colinas – Maranhão, Brasil. E-mail: danieldst81@gmail.com

² Doutorando em Ciências da Educação pela Faculdade Leonardo Da Vinci, Centro de Ensino Aluísio Azevedo, Jatobá - Maranhão, Brasil. E-mail: relampago-3@hotmail.com

country has become increasingly frequent: the exit of young people from the countryside and smaller municipalities to the capitals in search of higher education. Through this, this work is concerned with the explanation of the possible impacts that these exits can cause. Having linguistic prejudice as a factor of greater attention. Having as research objects, young people were chosen who left the municipality of Colinas in Maranhão state to Teresina, capital of Piauí state. The choice was made through observation, as it was observed that the frequency of exit from the first municipality to the other is common. For the explanation of these facts, we are going through the sociolinguistics studies, being based on the concern of clarifying variations that the languages come to undergo when realized in the speech. This research, then, despite contemplating the bibliographical research, uses the field research as a major source in the search for answers. Permeating the sociolinguistics studies, stand out as explainers of these phenomena Fiorin (2015), Freitag (2007) and Labov (2014). From the studies to understand the change and linguistic prejudice, a major observation factor of this work, the studies of Bagno (2013 - 2014) were used as basis. Through this study, it was noticed that the present changes in speech are noticed by the majority of the analyzed students. Moreover, linguistic prejudice still occurs, even in a minimal sphere, through regional change factors.

Keywords: displacement, higher education, sociolinguistic impact, analyze.

RESUMEN

La huida del campo a la ciudad es un fenómeno que existe, de hecho, en Brasil. La búsqueda de oportunidades de trabajo se está volviendo cada vez más común. Como resultado, otro fenómeno que existe y que es permanente en el país también se ha vuelto cada vez más frecuente: la salida de jóvenes del interior y de municipios más pequeños hacia las capitales en busca de educación superior. Entrelazado con esto, este trabajo se ocupa de explicar los posibles impactos que estas salidas pueden generar. Tomando como observación científica los estudios de lenguas fatales, este trabajo busca entonces que el prejuicio lingüístico sea el de mayor atención. Como objetos de investigación, se escogieron jóvenes que salieron del municipio de Colinas - MA hasta la capital del estado de Piauí, Teresina. La elección se hizo a través de la observación, ya que se percibió que la frecuencia de dejar el primer municipio al otro es común. Para explicar estos hechos, recorre los estudios sociolingüísticos, a partir de la preocupación por esclarecer las variaciones que las lenguas llegan a sufrir cuando se realizan en el habla. Esta investigación, entonces, a pesar de contemplar la investigación bibliográfica, utiliza la investigación de campo como la fuente principal en la búsqueda de respuestas. Permeando los estudios sociolingüísticos, se destaca como explicador de estos fenómenos Fiorin (2015), Freitag (2007) y Labov (2014). Los estudios para comprender el cambio y el prejuicio lingüístico se basaron en los estudios de Bagno (2013-2014). Mediante este estudio se pudo constatar que los cambios en el habla son percibidos por la mayoría de los estudiantes analizados. Además, los prejuicios lingüísticos siguen existiendo, aunque sea en una esfera mínima, a través de los factores de los cambios regionales.

Palabras clave: desplazamiento, educación superior, impacto sociolingüístico, análisis.

1 INTRODUÇÃO

A língua, sendo a expressão primordial da comunicação humana, evolui em resposta às necessidades dos usuários, enquanto estes, por sua vez, são moldados e definidos pela própria linguagem. Esta relação intrínseca entre ser humano e linguagem, como destacada por Bagno (2007), evidencia a língua como uma força coesiva social em constante mutação, sujeita a influências e contra-influências. Reconhecer tais características da língua implica admitir a existência da mutabilidade dentro das comunidades linguísticas, ressaltando a importância dos estudos sobre a língua e fala, que emergiram com a sociolinguística após os estudos de Ferdinand de Saussure, que, embora tenha focado mais na língua enquanto sistema, apontou para a necessidade de compreender a linguagem em todas as suas manifestações, especialmente na fala.

A fala, explicitada por Labov (2014) e, no Brasil, muito debatida por Bagno, por exemplo, consolida-se como uma parte das pesquisas linguísticas de extrema significância social. Nesse sentido, este trabalho, guiado à luz dessas ciências, explora as diferenças linguísticas entre membros de uma comunidade inseridos em outra em decorrência de fatores sociais. Assim, trataremos, mais especificamente, dos impactos sociais e linguísticos aos quais os falantes são submetidos. Ao compreendê-los, explica-se estes como fatores de adaptação e apropriação linguística. Porém, dar-se-á atenção a um fator muito comum nas sociedades contemporâneas, o preconceito linguístico. Que, para Bagno (2013, p. 56) “é a crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria [esta] a língua ensinada nas escolas”.

Logo, nossa discussão está em torno da história e evolução da linguística, centrado-se na sociolinguística. Além, é claro, da ressalva dos cientistas que exteriorizam cada linha de pensamento e das questões sociais envolvidas. Logo após, a atenção volta-se para as questões de variação e preconceito linguístico. Neste momento da pesquisa volta-se para levantamento bibliográfico. Dessa forma, é feito um debate com uma reflexão sobre os estudos sociolinguísticos.

Focaremos, enquanto pesquisa de campo, na observação das variações enquanto fatores do preconceito linguístico, a fim de descrever os impactos sociolinguísticos de duas comunidades diferentes. Teremos como foco a cidade de Colinas - MA e do outro lado a capital do Piauí, Teresina. Enquanto objeto de pesquisa apresenta-se enquanto amostras os jovens que saíram do primeiro município em busca da formação superior no segundo.

Então, aqui, observaram-se as questões dos impactos sociolinguísticos em que os estudantes pesquisados no município de Teresina tiveram dada a necessidade de deparar-se com uma outra realidade. Nosso foco principal, ao final, foram os impactos sociais e linguísticos em que as amostras foram submetidas ao se mudarem para conseguirem formação em nível superior.

2 (SOCIO)LINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua é, de fato, viva. Em todos os momentos, a interação social dar-se-á pela comunicação entre falantes. Sejam por meio da escrita, da fala, de gravuras/imagens, gestos ou misturas de todos estes. Dessa forma, cabe ressaltar que a língua(gem) está presente em todos os espaços sociais. E se esses fatos estão presentes no dia a dia, cabe a observação, condicionamento e explicá-los por um olhar científico. Temos, portanto, apontamentos teóricos-científicos acerca dos estudos referentes à língua e à linguagem. Nasce a Linguística com Saussure e suas considerações ganham destaques nas pesquisas.

A Linguística é “a ciência que procura determinar, com métodos próprios, a estrutura e a função da linguagem humana” (Borba, 1975, p. 36). Mas a linguística como conhecemos hoje tem sua trajetória marcada por diversos pensadores, escritores, fases e povos. Apesar de considerarmos os estudos de Ferdinand de Saussure como marco fundamental para ela ser considerada uma ciência, falar de sua gênese é complicado, pois segundo Borba “pode-se mesmo dizer que a linguística é tão antiga quanto as civilizações. Antes, porém é chegar a seu objeto específico e dotar-se de métodos próprios, passou por diversas fases, que daríamos preparatórias para a linguística moderna” (1975, p. 12).

As fases citadas por Borba (1975) são as fases da gramática, da filologia e do comparativismo. Todas elas são pilares de desenvolvimento fundamentais para a compreensão da língua(gem) enquanto ciência. Nos estudos iniciais, na fase da gramática, citam-se os estudos gregos com questionamentos filosóficos relacionados às palavras. “Heráclito, Pródico e os sofistas do século V a. C. admitem estar no sentido das palavras “preso à forma e não é ele apenas convencional” (Borba, 1975, p. 13).

Na fase da filologia destaca-se a significação do objeto de estudo da própria filologia, separando não só a língua como seu objeto de estudo, mas também se diz aqui que ela “ocupa-se da história literária, dos costumes, das instituições etc. e usa método crítico” (Borba, 1975, p. 21). Na última fase, a do comparativismo, “entramos propriamente no período científico da linguística. O período anterior ao advento da gramática comparativa pode ser considerado como pré-científico” (Borba, 1975, p.22).

As fases anteriores pressupõem questionamentos filosóficos, apontamentos apenas etimológicos das palavras, e na fase filológica se esquece, inclusive, a fala, tendo os estudos voltados apenas para as pesquisas acerca das palavras escritas. Assim, esses momentos históricos construíram o arcabouço teórico essencial para que a linguística moderna venha a ser descrita por Saussure. Descreve Petter (2008) que:

É no início do século XX, com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, que a investigação sobre a linguagem – a Linguística – passa a ser reconhecida como *estudo científico*. Em 1916, dois alunos de Saussure, a partir das anotações de aula, publicam o *Curso de Linguística geral*, obra fundadora da nova ciência. (2008, p. 13)

Os estudos científicos da linguagem se originam da construção e, igualmente importante, da desconstrução de seu objeto de estudo, a língua, inseparável da linguagem. Saussure, ao considerar a linguagem um campo amplo e complexo, justifica a língua como objeto central da Linguística por sua acessibilidade a testes científicos, enquanto a linguagem é central para a humanidade. "A linguagem envolve uma complexidade e uma diversidade de problemas que suscitam a análise de outras ciências, como psicologia, antropologia etc" (Petter, 2008, p.14). A língua, como "meio de categorizar o mundo" (Fiorin, 2015, p.18), é um sistema funcional que conecta linguagem e interação social, resultando em gramáticas e categorizações culturais, com sua realização na fala (Fiorin, 2015). O estudo da linguagem humana é abarcado pelos estudos da língua.

2.1 VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Os passos dados pela linguística desde sua consolidação à ciência até os estudos contemporâneos foram significativos e mostraram modelos para além da gramática normativa para pensar acerca da língua. Porém, há, ainda, entre diversos falantes a concepção da língua enquanto sistema único. A exemplo do Brasil, que se fala a língua portuguesa, com variações entre as regiões, classes sociais, gêneros etc., porém, muitos falantes ainda levantam a bandeira do monolinguismo, ou seja, a concepção de entender a língua enquanto única, composta por regras e sistemas complexos, desconsideremos que existem fatores que podem modificá-la. Explica-nos Bagno que:

duas perspectivas opostas de estudo da língua estão, portanto, em jogo. De um lado, a que privilegia a *forma* linguística: a gramática, em seus diferentes níveis, e o léxico, em seus campos semânticos. De outro lado, a que tem o uso como mira: a interação linguística, as condições de produção de discurso, os objetivos e estratégias dos usuários, os efeitos de sentido – e de forma- que incidem sobre a cultura e sobre a própria língua. (Bagno, 2007, p. 14-15)

As várias formas de como uma mesma língua atua em seus diferentes contextos em relação aos falantes são impressionantes. Fica fácil verificar a existência da pluralidade das palavras e suas mais diferentes aplicabilidades.

No processo de evolução linguístico hoje, no Brasil, encontramos diversas formas de relação entre palavras. Algumas são deixadas no passado – palavras arcaicas; outras são criadas e reinventadas com o passar dos tempos – os neologismos; e também elas podem ser usadas de formas diferentes – questões das variações diafásica, diatópica, diastrática e diacrônica. Bagno vai além disso e explica que os usos da língua agem sobre ela, criando expressões novas para novas possibilidades, pois a língua é viva (Bagno, 2007)

Fala-se das variantes linguísticas, que são as diferentes formas de como uma mesma língua é utilizada. Ela é o principal fator dos ocorrentes preconceitos linguístico dentro de uma sociedade. Do ponto de vista gramaticista percebemos a língua com duas vertentes que são paradoxais, a modalidade oral e a escrita. Assim, a língua pode ser falada ou escrita, com signos vocais ou gráficos. A língua falada é comunicativa e expressiva, enquanto a escrita é sua representação, a linguagem oral é envolvente devido à sonoridade, ritmo e gestos, ausentes na escrita, que é mais concisa e duradoura (Cegalla, 2012).

Porém, o que os estudos gramaticais normativos vão chamar de modalidade oral e escrita da língua portuguesa, na sociolinguística fala-se das variáveis linguísticas. Ressalta-se que os filólogos de Alexandria no século III a.C. viam a variação linguística como um problema a ser corrigido. Consideravam que a escrita literária clássica deveria ser o modelo para qualquer pessoa culta que quisesse se expressar em grego de forma socialmente aceitável (Bagno, 2007).

Então, deve-se distanciar duas realidades que, apesar de caminharem juntas, possuem formas de verem a língua enquanto sistema e seu uso social de forma dicotômica. Nos estudos gramaticistas impera a realidade do que é certo e do errado. Tudo que está na gramática normativa e em seu modelo é considerado correto, ao contrário disso, é errado. Na sociolinguística, diferentemente dos estudos gramaticais, não se discute o afastamento da modalidade padrão da língua como errado. Nesse sentido, trabalha-se a língua como um instrumento da comunicação. Pois:

ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na

concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente **heterogênea**, múltipla, *variável*, *instável* e está sempre em desconstrução e em construção. (Bagno, 2007, p. 36)

Não há, aqui, certo ou errado, falamos das variações e as adequadas variações para cada situação a fim de que comunicação entre falantes aconteça. E, em todos os seus aspectos, considera-se as várias formas de um mesmo dizer como variação, porque “a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita” (Bagno, 2007, p. 36).

Dessa forma, dizemos que toda língua varia e muda (Bagno, 2015). Essas duas ideias propostas por Bagno em sua novela sociolinguística “A língua de Eulália” afirmam-se a “mutabilidade” da língua. A língua varia em todos os contextos, como explica Bagno (2015), sejam eles morfológicos, fonéticos, sintáticos, lexicais, semânticos e no próprio uso da língua. Pelo fato dela mudar, surgem as diferenças linguísticas.

2.2 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA QUESTÃO SOCIAL

Definido “como um conjunto de ideias sobre a língua e o uso da língua que reproduzem as hierarquias sociais e as dinâmicas de poder dentro da sociedade” (Bagno, 2017, p. 158), o preconceito linguístico é um fato corriqueiro no dia a dia dos sujeitos. Principalmente no Brasil, um país marcado por diferenças sociais em demasia.

Para Bagno (2013), o preconceito linguístico é muito poderoso. Assim, explica-se que em uma sociedade que se fala tanto nas formas de preconceito, quase nunca é falado no linguístico. Sendo que “no fundo, o preconceito linguístico é só uma das muitas facetas do preconceito social mais amplo” (Bagno, 2017, 158).

Bagno faz essa ressalva para explicar que é por meio da linguagem que a concretização dos preconceitos se dá. Sendo, assim, a língua/fala um fator que pode ser utilizado como objeto de hierarquização social. Em sua obra, ele exemplifica mitos que compõem a historicidade da língua portuguesa no Brasil. Então, o preconceito linguístico consiste na ideia única de que há, apenas, um modelo aceitável de língua.

Ainda, de acordo com Bagno (2013), a perpetuação do preconceito linguístico existe em decorrência das ideias impostas por autores em obras ditas e renomadas gramaticais. Como exemplo, Bagno (2013) cita o professor Napoleão Mendes de Almeida. Esse gramaticista defendeu, em vida, a ideia da intolerância gramatical. Escreve Bagno que:

o mais respeitado e renomado propagador do preconceito linguístico por meio de *comandos paragramaticais* no Brasil foi, durante longas décadas, o professor Napoleão Mendes de Almeida, até falecer no começo de 1998, aos 87 anos. Ele nunca escondeu sua intolerância e seu autoritarismo em suas colunas de jornal, e é fácil verificá-lo nas mais de 600 páginas de seu Dicionário de questões vernáculas. (Bagno, 2013, p. 99-100)

Por meios dos escritos de Napoleão Almeida, Bagno relaciona o preconceito linguístico com os demais preconceitos sociais. Já que, o próprio Napoleão Mendes, disserta apresentando termos vulgares e, até mesmo, deploráveis com comunidades não alfabetizadas que possuem uma afinidade com a língua que não seja gramatical.

Por meio de escritores como Napoleão Mendes entendemos que o mito da existência de uma variante melhor, mais bonita e mais correta continua fundamentando-se. E esta variante, por muitas camadas sociais, será sempre a “correta”, a que segue critérios de regras escritas em um livro cujo nome sempre será a gramática.

Então, não é válido considerar as variações implícitas na linguagem como erros ou, ainda, como verificadores de prestígio social. Tal postura remete ao preconceito linguístico. Explica Bagno (2013) que é necessária uma desconstrução desse hábito pertinente entre os falantes. Segundo ele é de extrema necessidade uma mudança de atitude, sendo que, para isso, é necessário que:

cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria *autoestima linguística*: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que “português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. (Bagno, 2013, p. 140)

Portanto, é necessário romper com paradigmas sociais que circundam os conceitos em torno dos preconceitos de origem linguística. Mesmo que, para isso, seja necessária uma reeducação em torno do ensino de língua materna e dos comportamentos sociais

3 PESQUISA DE CAMPO EM SOCIOLINGÜÍSTICA: MÉTODOS, DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA COM OS JOVENS COLINENSES EM TERESINA - PI

Por tratar-se de uma pesquisa que busca nos falares marcas de impactos sociolinguísticos em estudantes foi necessário, em uma primeira instância, a necessidade do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nele, apresentam-se os dados da pesquisa, uma breve justificativa com linguagem clara e o mesmo é redigido em duas vias

do documento. O termo construído para este trabalho reduz os termos necessários que são impostos.

Outro importante fator são as restrições dos critérios da pesquisa, como explicado em Mendes (2015), que critérios devem ser seguidos, respeitando-os. Dessa forma, os dados da pesquisa foram restritos, especificando os sujeitos, as comunidades tratadas, o sexo, nível de escolaridade, classe social, etc. Apresenta-se como ferramenta essencial para este estudo o questionário. Ele foi aplicado com os alunos envolvidos, alvo da pesquisa.

Em relação ao número de falantes, na pesquisa em sociolinguística, ressalta Silva (2015) que número depende da: a) homogeneidade da população; b) número de variáveis pesquisadas; c) do fenômeno da pesquisa; d) do método; e) do orçamento e outras condições materiais. Dessa maneira, constata-se que de acordo com a pesquisa é necessário elencar os dados que a compõem.

Esta pesquisa considerou os fatores variáveis da língua como ferramenta que desencadeiam o preconceito, apropriação e acomodação linguística. Assim, o estudo preocupou-se com o impacto linguístico, de acordo com um fenômeno descrito por meio do deslocamento de estudantes de uma cidade a outra, então existiu a necessidade da busca de um número máximo de falantes.

3.1 CONTEXTUALIZANDO: A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

O corpus de análise foi constituído com estudantes de Colinas/MA que frequentam o ensino superior em Teresina/PI devido à escassez de cursos em sua cidade. Com apenas um campus universitário local³, oferecendo cursos principalmente à distância, muitos jovens optam por se deslocar para Teresina. A pesquisa visou compreender se esses estudantes percebem os impactos sociais e linguísticos dessa mudança, incluindo experiências de preconceito linguístico, através de um questionário elaborado para investigar os motivos da migração e a adaptação dos alunos, bem como suas percepções das diferenças linguísticas.

A coleta de dados foi realizada mediante a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os itens do questionário, cuja repostas eram por

³ A cidade possui apenas um campus da Universidade Estadual do Maranhão, com os cursos de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Enfermagem Bacharelado e Tecnologia em Ambiental. Fonte: SIGUEMA Cursos de graduação UEMA. Disponível em: <https://sis.sig.uema.br/sigaa/public/curso/lista.jsf?nivel=G&aba=p-graduacao>. Acesso em jan. 2024.

meios de questões objetivas de múltiplas escolhas e também subjetivas discursivas, foram coletadas e assinaladas na plataforma do “Google formulários” – uma ferramenta da Google com objetivo de criar formulários e que se pode gerar planilhas – a fim de mediar os cálculos dos dados com maior veracidade exposição dos gráficos necessários⁴. Para o número total de entrevistados considerou-se que, não havendo a possibilidade de pesquisar todos os indivíduos que fazem parte do campo de análise, foi necessário a delimitação de um número exato do que chamamos de amostras. Nesse sentido:

utiliza-se o método da amostragem, que consiste em obter um juízo sobre o total (universo), mediante a compilação e exame de apenas uma parte, a amostra, selecionada por procedimentos científicos. O valor desse sistema vai depender da amostra: a) se ela for suficientemente representativa ou significativa; b) se contiver todos os traços característicos numa proporção relativa ao total do universo. (Lakatos; Marconi, 2003, p. 163)

O número de amostras escolhidas foi de 20. Dividido em 10 amostras do sexo e feminino 10 do sexo masculino, a escolha deu-se de forma aleatória, visando a melhor captação de dados. Pois, como afirma Silva (2015, p. 120) “deve-se levar em conta que é necessário ser realista”. Assim, é necessário considerar fatores variáveis como valores disponíveis para a pesquisa, o tempo de análise de cada entrevista, entre outros.

Do que tange a nossa análise, ressalta-se que ela se trata de um método aleatório simples. Sendo que, nesta, a seleção dos falantes é com base em: “a) o número de homens e mulheres é aproximadamente o mesmo numa comunidade; b) a diferença linguística entre ambos não é supostamente muito grande” (Silva, 2015, p. 120). Por fim, diz-se que este estudo se caracteriza como qualitativo, uma vez que não busca elencar dados a partir de todo o público da pesquisa, mas apenas selecionando amostras e analisando o que cada um traz de positivo – ou não – ao estudo.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Tendo como foco os impactos sociais e, mais especificamente, os de origem linguística, esta pesquisa realizada com discentes de curso de nível superior gentílicos de Colinas – MA em Teresina – PI, visa-se, então, *a priori*, compor o perfil das amostras selecionadas. As informações que descrevem o perfil das amostras envolvidas foram recolhidas de acordo com o disposto do questionário realizado durante a pesquisa. Estas,

⁴ O link do questionário foi:
https://docs.google.com/forms/d/1CpaGEcAQ5sqodRKnlTmC3TRXOqFcEg7GVz6Yzpi-Ak/viewform?edit_requested=true.

descritas no tópico seguinte, encontram-se contextualizadas e descritas, também, por meio dos gráficos de pesquisa.

4.1 PERFIL DAS AMOSTRAS DE PESQUISA

Relata Silva (2015) que várias perguntas devem ser respondidas com as amostras selecionadas, considerando que a amostra supõe requisitos específicos. Sendo, nesta pesquisa, 10 masculinas e 10 femininas, as amostras escolhidas possuem idade com média⁵ de, aproximadamente, 19 anos⁶. Sendo que, para este cálculo, a idade das amostras foi entre 17 e 24 anos.

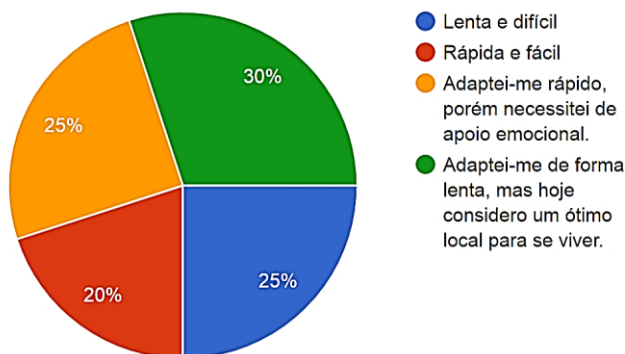
Com exceção da amostra de número 05, de sexo feminino, todas estudam em faculdades privadas. Os cursos de graduação escolhidos pelos estudantes são, com um número de 75%, da área da saúde. Sendo que estes cursos são fisioterapia, enfermagem, odontologia, psicologia, fonoaudiologia, enfermagem, farmácia, biomedicina e zootecnia. Os outros 25% estão distribuídos entre direito (total de 80% dos 25%) e engenharia elétrica. Relevando, pois, uma clara preferência entre os cursos da área das ciências da saúde entre os estudantes pesquisados.

Voltando-se para o nível de adaptação dos estudantes, o questionário apresenta um item específico para entender como se deu o comportamento dos estudantes mediante a nova realidade. Sendo este o item de número 02, ele é um item objetivo de múltipla escolha das quais foram: a) lenta e difícil; b) rápida e fácil; c) adaptei-me rápido, porém necessitei de apoio emocional; d) adaptei-me de forma lenta, mas hoje considero um ótimo local para se viver. Os resultados foram os seguintes:

⁵ A média calculada refere-se ao cálculo de Média Aritmética. Que é um cálculo que pode ser utilizado para diferentes finalidades. Ela nos indica um valor que representa um conjunto de dados” (AULA 07 – média aritmética simples. Disponível em <http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/584/Aula_07.pdf?sequence=7&isAllowed=y> acesso em 29 mar. 2019).

⁶ Aqui a média aritmética é de 18,7 anos. Porém aproximou-se para 19, para uma melhor leitura do texto.

Gráfico 01: Demonstrativo da adaptação dos estudantes em Teresina – PI



Fonte: Elaborado pelos autores

Compreendendo, assim, as amostras como de perfis diferentes em relação às questões de adaptação. Outro fator indispensável para o conhecimento das amostras envolvidas é o motivo da escolha pela cidade de Teresina – PI para cursar graduação. Para isso, no questionário houve a criação de um item específico para buscar essa resolução. Aqui, o item de número 2 (dois) trazia consigo o seguinte questionamento: “Por que a cidade de Teresina - PI foi sua escolha para cursar nível superior?”

Neste momento, a pergunta elencada foi de resposta livre e subjetiva. Dos resultados desta, percebeu-se o constante falar da justificava girar em torno da proximidade do município de Teresina com Colinas e, ainda, pôr o custo de vida ser, na visão dos alunos, menor quando comparado com outras cidades maiores como, por exemplo, São Luís. Além deles considerarem o nível da educação ofertado ser superior. Isso torna-se evidente na resposta dos entrevistados número 02 e 17 listados abaixo:

AMOSTRA NÚMERO 02: *Eu escolhi Teresina pela proximidade e facilidade de locomoção até a minha cidade natal e a qualidade de ensino oferecida. E também ter bons professores, por ser uma cidade que os cursos cabem no bolso.*

AMOSTRA NÚMERO 17: *A capital mais próxima da minha cidade natal e o custo de vida mais em conta que outras capitais. E porque lá é melhor qualidade de ensino. Enfim mermão, por a educação ser melhor.*

Ademais, houve ainda a necessidade da criação de um item para compreender qual o motivo da saída de Colinas – MA para Teresina, tendo em vista que o município dispõe de um campus universitário da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Este ficou como de número 9 (nove), pois foi criado após a percepção da necessidade dele.

Ele abordou o seguinte: “tendo em vista que em Colinas - MA há um campus universitário, o que lhe levou a optar por cursar ensino superior em Teresina - PI?” Mesmo concebida com semelhanças ao item de número 02 (dois), este item trouxe uma

percepção dos estudantes melhor quando se ressalta a questão da Universidade Estadual do Maranhão em Colinas – MA. Das respostas captadas, entendeu-se que o motivo pela mudança se deu, principalmente, pela oferta dos cursos de graduação em Colinas ser, ainda, pouca. Outro fator que impulsiona a saída até Teresina pela proximidade entre as duas cidades e pôr os discentes entenderem que o custo de vida é menor.

4.2 ADAPTAÇÃO EM NOVA REALIDADE: PRINCIPAIS DIFICULDADES

Outro fator na mudança da realidade observada por meio do questionário foi a questão das dificuldades que o público alvo da pesquisa passou. Aqui, estudamos as questões de adaptação, tanto linguísticas quanto sociais.

O item a qual refere-se esta informação é o de número 03 (três), que traz em sua escrita: “quais as principais dificuldades de adaptação você mais sofreu?” Percebe-se que o fator que se repete nos falares dos estudantes é a ausência da família. Um fator pertinente nesse caso, uma vez que o convívio social familiar é uma importante fase na vida humana. Um outro fator interessante à pesquisa é a que aparece na resposta da amostra 03 (três). Ao delimitar suas principais dificuldades ela mostra o fator “comunicação” como pertencente a ela. Sendo, pois, realmente um fator extremo em questões de adaptações a novas realidades.

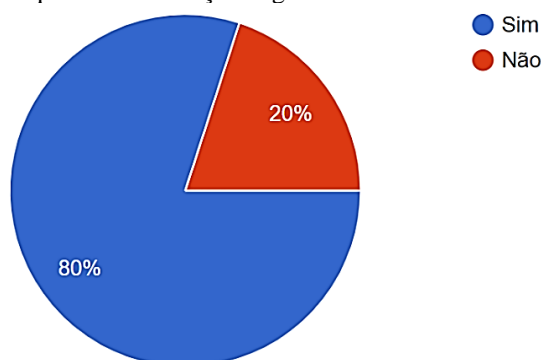
Neste momento, então, percebeu-se que a familiaridade dos estudantes com realidade de cidades mais desenvolvidas era baixa. Fator explicado pela habitação a um município menor que não disponibiliza, ainda, de transporte público ou de grande movimentação em seu centro urbano. Atenta-se, aqui, para a amostra de número 12, que ressalta que uma das dificuldades encontradas por ela foi a da “linguagem acadêmica”. Considerando, pois, que a variação da linguagem acadêmica é voltada para a norma padrão da língua portuguesa e que possui termos técnicos apropriados a cada realidade de ensino superior. Após a delimitação do perfil das amostras envolvidas realizado aqui, a seguir encontramos as informações que são cruciais para a compreensão dos fatores de impactos sociolinguísticos.

4.3 DAS DIFERENÇAS E SITUAÇÕES DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Chegando, enfim, ao que este trabalho se predispõe que é avaliar se as amostras têm conhecimentos das possíveis diferenças linguísticas percebidas e, ainda, quais os principais impactos, nesse sentido, existiram, obteve-se a partir da resposta do item de número 04 (quatro). O questionamento elencando como “você notou diferenças na forma

de falar das pessoas na nova cidade?” traz em sua construção uma pergunta objetiva de múltipla escolha, sendo as respostas elencadas “sim” e “não”. Aqui escolheu-se apenas estes dois fatores dicotômicos, pois a intenção é compreender de forma clara e concisa se estudantes identificaram (ou não) as mudanças linguísticas entre as duas cidades pesquisadas. Dos resultados, obteve-se a tabulação seguinte:

Gráfico 02: Percepção quanto a diferenças linguísticas entre Colinas – MA e Teresina - PI



Fonte: Elaborado pelos autores

Dessa forma, atenta-se que das 20 entrevistas apenas 4 amostras não reconhecem as diferenças linguísticas existentes entre as comparativas. Sendo, assim, um fator observável que a maioria dos estudantes percebe e compreende a existência das variações linguísticas. Então, fica perceptível que os 16 alunos de ensino superior dos 20 compreendem, pelo menos, em uma mínima esfera que há diferenças entre as cidades.

Após a identificação dos jovens das variações linguísticas, em seguida ao questionário houve a necessidade de se questionar que diferenças linguísticas são estas. O item de número 5 (cinco) indagou por: quais foram estas diferenças linguísticas? Percebeu-se neste momento que dos 4 jovens que relataram a não identificação das variantes, apenas 3 responderam ao item com:

AMOSTRA NÚMERO 01: “nada”;
AMOSTRA NÚMERO 05: “não sei”;
AMOSTRA NÚMERO 07: “não teve diferença”.

Sendo que, a outra amostra que respondeu ao item anterior com “não” ao item de número 05 deu a seguinte resposta:

AMOSTRA NÚMERO 03: “loco, pé de pano e entre várias outras gírias”

Salienta-se, então, que apesar de responder que não ao item 04, neste momento ele revela em seu falar que compreendeu a existência dos fatores de mudanças linguísticas em uma ocasião diferente a da pergunta anterior. Das outras respostas, obteve-se o seguinte:

Tabela 01: Mostra de respostas sobre percepções linguísticas dos alunos em outro município

AMOSTRA	RESPOSTA
2	Gírias como "espancar a lôra", para dizer que vai tomar uma cerveja. "Arre diabo", " botar catinga.
4	Expressões.
6	Algumas gírias e expressões, porém me adaptei em pouco tempo e até mesmo já faço uso delas.
8	Posso citar uma gíria que usam muito que é "xiola" usada aquelas festas de esquinas digamos assim, com "swingão". Petisco, que eles se referem ao salgadinho comum comprado no supermercado que em Colinas nós chamamos de "salgadinho".
9	Gírias como "fuar" que quer dizer festa, expressões como espetinho (arrumadinho)
10	Gíria
11	O sotaque de Teresina
12	Espancar a loira que quer dizer ir tomar cerveja
13	O jeito do pessoal de Teresina falar é bem diferente. Eles falam mais devagar.
14	Não vejo diferença daqui pra minha cidade
15	Só algumas palavras
16	Termos, mas poucos
17	Nomes de algumas comidas, por exemplo, chamar "cozidão" de "mão de vaca" ou "chá de burro" de "mingau de milho"
18	"Doido": essa palavra é muito usada aqui.
19	"Loco" para colega/amigo e "fuazeiro" e "fuar" para festa.
20	As gírias são mais engraçadas como o pessoal daqui fala. Eles têm um sotaque mais caipira. E quase nunca eles falam tu. Costuma falar mais você.

Fonte: Elaborado pelos autores

De fator fônico, observa-se com o falar da amostra 13 que o falar teresinense é mais devagar, quando comparado ao maranhense. Compreende, ainda, que as diferenças que permeiam aqui são, principalmente, das variantes semânticas, que diz respeito à significação das palavras.

Sendo assim, pode-se dizer, por exemplo, que "espancar a lôra", relatado pela amostra 02, ganha um novo significado na cidade de Teresina, significando, pois, "tomar uma cerveja". Em uma outra realidade, como Colinas, poderia significar agredir uma mulher cuja característica específica seria ter os cabelos loiros.

Outro fator é o da própria variação regional. Como, por exemplo, o que relata a amostra de 17. Que diz que a palavra conhecida como "cozidão" (carne cozida em panela com legumes) seria chamado de "mão de vaca", e "chá de burro" (doce feito com grãos de milhos) teria um nome diferente, neste caso "mingau de milho". Também acontece isso com a amostra 18. É interessante observar com maior atenção também o que diz a

amostra 20. Ela relata que em Teresina – PI não há costume de se falar a pronome do caso reto da segunda pessoa do singular “tu”. Diz Bagno que:

e sabido que o Maranhão (como também no Pará e em outras áreas do Norte) ainda se usa com grande regularidade o pronome *tu*, seguido das terminações vogais clássicas, com terminação em –s característica da segunda pessoa: *tu vais, tu queres tu dizes, tu comias, tu cantavas*. (2013, p. 62-63)

Dessa forma, pertencente ao estado do Maranhão, a cidade de Colinas, de acordo com Bagno, tem a predominação do pronome *tu*. Acontece que, em Teresina – PI, como na em quase todo o país “devido a reorganização do sistema pronominal [...], o pronome *tu* foi substituído por *você*” (pronome de tratamento simples) (Bagno, 2013). Entendendo-se, pois, o vocábulo “*você*” como um pronome pessoal de tratamento.

Partindo para a o fator de observação de preconceito linguístico, utiliza-se aqui o item de número 06 (seis) que traz “você já passou por alguma situação constrangedora (preconceituosa) por não ser da cidade em que está cursando o ensino superior?” Sendo, também, objetiva de múltipla escolha com respostas “sim” ou “não” dos demonstrativos obteve-se o seguinte: 55% responderam sim e 45% responderam não. Sendo que 9 dos 20 entrevistados responderam que não passaram por situações constrangedoras. Revelando, aqui, que os impactos sociais, objetivo desta pesquisa, existe. E nos números entrevistados, perpassa mais de 54% dos casos.

De responsabilidade do item 07 (sete) as situações de preconceito linguístico, por meio dele obteve igual resultado. Sendo que os entrevistados que responderam sim ao item anterior responderam também sim neste. Conclui-se, pois, que as situações de origem preconceituosa – sejam linguísticas ou não – ultrapassam mais da metade dos casos por meio dos falares das amostras coletadas.

Por fim, selecionamos por meio das respostas do penúltimo item as respostas que mais condizem com a realidade do objetivo de busca do trabalho. Sendo que o último item da pesquisa foi criado na perspectiva de complementação ao item de número 02 (dois). Dessa forma, no item de número 08 perguntou-se “quais as principais diferenças do falar você achou marcante em Teresina – PI?” Aqui, observamos, por exemplo, o que uma das amostras relatou:

AMOSTRA NÚMERO 17: *Eles não falam “pior”. Quando eu falei uma vez, a minha turma achou estranho.*

Mais uma vez, mesmo que não buscando neste momento, observa-se mais uma questão de situação constrangedora por falares diferentes. Perguntou-se, aqui, a mais a amostra qual o significado de “pior” no contexto comunicacional e um exemplo e obteve-se o seguinte:

AMOSTRA NÚMERO 17: *“Pior” é tipo de verdade, algo que aconteceu e você fala e você confirma no final. Tipo “a pessoa tá feia hoje”, aí você vai lá para concordar e diz “pior”.*

Mais uma vez volta-se aqui para a questão de significação de palavras. A palavra “pior” teria significado de algo excessivamente ruim, porém no contexto a qual a amostra utiliza a palavra ela ganha um novo significado, neste caso sendo de ratificar, confirmar ou, ainda, de concordar com o dito anterior. Das outras respostas obteve-se a seguinte tabulação:

TABELA 02: Mostra de respostas elencadas em demonstrativo do item 08 da pesquisa.

AMOSTRA	RESPOSTA
1	Sotaque
2	Nenhuma
3	Eles falam " em riba"... Ao invés de "por cima"
4	Mais não há uma discrepância tão acentuado quando ao Maranhão.
5	Não achei nenhuma tão marcante.
6	Nenhuma
7	Não consigo identificar muitas diferenças na fala, senão o sotaque nordestino mais acentuado. Creio que pelo fato de Colinas e Teresina serem locais próximos e um grande contingente de pessoas da primeira cidade se mudarem para a segunda, isso já acaba englobado na nossa fala e vocábulo, apesar deste apresentar-se divergente do colinense.
8	Não notei nenhuma ainda
9	Eu não encontrei tanta diferença de sotaques aqui em Teresina, pela questão de ser um povo muito misturado e ter muita gente do Maranhão, porém, notei diferença mais nas pessoas do Sul do Piauí que tem um sotaque mais caipira, digamos assim.
10	Algumas gírias e expressões próprias do estado, diferentes do Maranhão
11	Afirmativas em qualquer contexto que tudo vai dar certo no fim da frase
12	Eles possuem gírias muito diferentes.
13	As diferenças foram mínimas, porém suficientes para eu entender que a cidade aqui fala um pouco diferente. Até mesmo a entonação deles com as palavras são diferentes.
14	As gírias.
15	Na verdade, não achei diferença
16	Sei lá
18	Algumas gírias e a denominação de nomes de comidas típicas.
19	As gírias do próprio estado, as vezes não entendo, daí eu pergunto o significado.
20	As comidas tem nome diferentes para comidas como cozidão e panelada.

Fonte: Elaborado pelos autores

Percebe-se, então, aqui que há uma discrepância na maioria dos casos. Em alguns, como no caso da amostra 17, revela-se uma realidade muito distante e, em outros, as amostras não responderam praticamente nada a qual o objetivo se propõe. Como é o caso

das amostras 2, 5, 6, 8 e 16. Dessa forma, há, então, uma ideia de que a percepção destes quanto a variações muda em relação às demais amostras. Contudo, quando analisado como um conjunto existe, pois, uma tendência maior que corresponde ao objetivo geral deste trabalho, que é a verificação de impactos linguísticos que os alunos sofrem.

Ademais, quando vista como um conjunto, toda a pesquisa revela-se como um verificador único e que transmite uma mensagem, que, em comprovação ao trabalho, há impactos de teor sociais e linguísticos – ou apenas sociolinguísticos – pelo qual os estudantes que são de Colinas – MA passam quando se deparam em uma nova realidade de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, então, comprova-se, que a língua possui em todos os seus alicerces a capacidade de mudar de acordo com os fatores externos. Uma outra questão que a se elencar aqui é que os preconceitos relatados pelas amostras se revelam, pois, como rotineiros, principalmente quando recorremos aos dados – uma vez que 55% das amostras responderam que tanto passaram por situações constrangedoras quanto de origem preconceituosas linguisticamente.

Quando recorremos a Bagno (2013) percebemos que para mudar estas situações seria necessário a desconstrução do preconceito linguístico. Uma vez que as situações constrangedoras a qual os alunos foram confinados foram concretizadas pela linguagem. Contudo, como romper o preconceito linguístico? Esta é a indagação que nos debruçamos. Nas palavras de Bagno (2013) dois passos essenciais primordialmente seriam reconhecer a existência de uma crise do ensino de língua materna e a mudança de atitude. Ainda escreve Bagno sobre o que é ensinar português e o que é erro. Todavia, estas duas ações só poderiam passar-se adiante após as duas iniciais serem postas em prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é indispensável às interações humanas, sem ela toda a conjuntura social estaria ameaçada. Dessa forma, entrelaçar os estudos de linguagem e sociedade é, antes de tudo, falar de sociolinguística e das suas contribuições sociais. Contudo, é indispensável compreender que os estudos sociolinguísticos possuem sua história alicerçada aos estudos linguísticos e a Saussure, uma vez que, sem as contribuições para a linguística moderna, estaríamos, pois, atrasados no que diz respeito às ciências da linguagem.

Assim, compreender a sociolinguística é entender que as línguas possuem uma dinâmica viva. Tendo a capacidade de mudar de acordo com os fatores que as moldam. Dessa forma, a idade, o sexo, a localidade, as classes sociais, dentre outros fatores, são cruciais a forma que a língua(gem) do sujeito se apresentará ao final. Ainda, em determinação das variações linguísticas, o preconceito linguístico nasce. Sendo que ele é a crença de que apenas uma forma de usar uma língua é correta. Nesse contexto, este trabalho observou a capacidade da variabilidade da língua junto a crença social do preconceito linguístico em um fator de observação mais limitado.

Aqui, recorreremos ao estudo dos impactos sociolinguísticos em uma comunidade de falantes compostas por estudantes de nível superior oriundos de Colinas – MA, que cursam graduação na cidade de Teresina – PI. Observou-se os fatores sociais e linguísticos de adaptação. Como resultado final obteve-se que o preconceito social e linguístico que os estudantes passam são vivos e constantes, uma vez que acontecem com mais da metade das amostras.

Ademais, percebeu-se que apesar do município de Colinas – MA possuir um campus universitário da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, os alunos que se deslocam para Teresina – PI explicaram que a cidade possui poucas ofertas de cursos de graduação e, ainda, que os que existem possui um fator limitador para entrar, sendo este, o vestibular de acesso.

Dessa forma, provou-se, então, que os fatores variáveis são modificadores constantes da língua e que eles são produtores diretos do preconceito linguístico. Ainda, que a percepção das amostras quanto às variações linguísticas é totalmente ativa. Não obstante, deve-se considerar um rompimento com os paradigmas sociais que fortalecem, constantemente, o preconceito linguístico. Sendo necessário então haver uma mudança de hábito no que diz respeito às ações que o fortalecem e o tornam existentes nas esferas sociais.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. – 55º ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. Ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Entrevista com Professor Dr.º Marcos Bagno. In: LUCENA, Josete Marinho de; SILVA, Silvio Profirio da. **Revista de Letras JUÇARA**. v. 01, n. 02, p. 152 – 161, Dez. 2017.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 4.^a ed. São Paulo, Editora Nacional, 1975.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. Ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FIORIN, José Luiz. Linguagem humana: do mito a ciência. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? O que é isso?** – São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 1, p. 13 – 43.

_____. As línguas no mundo. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? O que é isso?** – São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 2, p. 45 – 73.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Metodologia de coleta em manipulação de dados em sociolinguística**. – SP: Blucher, 2014.

LEITE, Valéria Fonseca. Resenha do livro padrões sociolinguísticos de William Labov. *Revista DisSol*, ano IV, N 6, 2017, p. 126 – 137.

MENDES, Ronald Beline. Língua e Variação. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? O que é isso?** – São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 4, p. 111 – 135.

MOLLICA, Maria Cecilia Mollica. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia. BRAGA, Maria Luzia. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. – 4 ed. 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO, José Lemos. **Pra compreender Labov**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística**: I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. 1, p. 11–24.

SILVA, Giselle Machine de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecilia.

BRAGA, Maria Luzia (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. – 4 ed. 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.